

VERGÍLIO FERREIRA, A EDUCAÇÃO E O FUTURO

Vergílio Ferreira, the Education and Future

Manuel ABELHO CUNHA
Universidade da Beira Interior
Correo-e: manuelabelho@sapo.pt

Recepción: 30 de enero de 2012
Envío a informantes: 9 de marzo de 2012
Fecha de aceptación definitiva: 7 de octubre de 2012
Biblid. [0214-3402 (2013) (II época) n.º 19; 181-195]

RESUMEN: Vergílio Ferreira, uno de los escritores y pensadores más destacados del Portugal contemporáneo, escribe sobre la responsabilidad de la educación en la construcción de un país civilizado. Habla desde una nación sometida a una dictadura política muy represiva sobre la libertad de pensamiento.

PALABRAS CLAVE: existencialismo, Portugal, educación, futuro.

ABSTRACT: Vergílio Ferreira, one of the leading writers and thinkers of contemporary Portugal, writes about the responsibility of education in building a civilized country, speaking from a nation under very repressive political dictatorship on freedom of thought.

KEYWORDS: existentialism, Portugal, education, future.

A ideia que não procura tornar-se palavra é uma ideia inútil,
e a palavra que não procura tornar-se ação é uma palavra inútil.

CHESTERTON

FACE AOS RECENTES ACONTECIMENTOS NA EUROPA não podíamos deixar de chamar à colação as preocupações vivenciadas pelo autor, perante o rumo que já se desenhava na última década do século XX, data da sua morte. É nossa intenção dar utilidade à sua palavra, para que aguce os espíritos mais atentos e perspicazes na denúncia do retrocesso civilizacional no berço dos valores humanos, da cultura e dos traços identitários que caracterizam a sociedade europeia.

Ninguém é uma ilha no sentido literal do termo e, como consequência, imune ao contexto político, social e económico da época. Sendo a educação produto desses elementos fáticos, é neste contexto que Vergílio Ferreira olha com apreensão e perplexidade o futuro.

A primeira preocupação releva do declínio da Europa como núcleo fundamental do conhecimento, da difusão cultural e daquilo que define o homem na sua essência, o humanismo. A Europa tornou-se produto de uma miscigenação cultural advinda dos quatro quadrantes do globo, com prejuízo daquilo que a estrutura na sua gênese:

Mas tudo isto o reflectimos para a Europa, que é o lugar de que nos cumpre ser quem somos. E tudo serve para detectarmos um sinal do que nos espera e ameaça. Vaga de islamismo, acordado do seu ressentimento de há quinhentos anos, vaga da negritude acordada de quinhentos anos de servidão, vaga do Oriente, erguida sob a forma pacífica da sua tecnologia que exportámos, vaga amarela de uma desesperada ocupação do comunismo que exportámos também e se obstina em manter-se de pé com a praga do bilião de ratos humanos, vaga do império económico americano – tudo é para nós pretexto para tentarmos decifrar o futuro. Europa, Europa, terra da nossa condição. Que nos resta nela para nossa morada?¹

A interrogação sobre os pilares em que assenta ou pode assentar o futuro da Europa causa-lhe preocupação. A conhecida influência dos diversos pontos geográficos e dos diferentes referenciais político-ideológicos, religiosos e económicos estão no cerne da sua mundivisão. Tal é a presença destas influências que o autor questiona o futuro da Europa e as bases que a fundamentam. Neste contexto, desconhece a palavra que a define:

Que palavra é a nossa? A que reúne a nossa altura? A nossa vida? A nossa segurança ou certeza? Nós não temos nenhuma. Ponho-me a pensar o que seria a palavra dos outros, das outras épocas. Provisoriamente julgo que na Idade Média a palavra era «Deus»; no Renascimento seria «corpo»; no século XVIII, decerto «razão». No século XIX, sem dúvida «ciência». No nosso? Houve várias candidaturas – arte, ou planetização, ou comunismo, ou tecnologia. Creio que a única palavra é a que a recusa, ou seja a de «silêncio»².

Silêncio será, talvez, a palavra adequada à época do nosso tempo. Um homem desprovido de palavra, logo de pensamento e, conseqüentemente, de consciência. Sociedade do silêncio que vive na superficialidade das coisas imediatas. Um homem sem dimensão interior, sem interrogação nem memória. No entanto, o paradoxo torna-se visível, porque nesse recanto interior reside a essência do homem:

É lá nesse fundo que se gera a espiritualidade, a gravidade do sermos, o encantamento da arte. E a nossa luta é terrível, para nos defendermos no último recesso da

¹ *Conta Corrente* 1 n/s, p. 224- As referências que aludem apenas à obra são exclusivamente de Vergílio Ferreira.

² *Conta Corrente* 4, p. 312.

nossa intimidade. Porque tudo nos expulsa de lá. Quando essa intimidade for preenchida pelo exterior, quando a materialidade se nos for depositando dentro, o homem definitivamente terá em nós morrido. Já há bem exemplos disso. Um dos mais perfeitos chama-se *robot*³.

O apagamento da dimensão interior da cultura e da memória instituída pelo paradigma da sociedade atual criou no pensador um conflito existencial. O neoliberalismo despojado de responsabilidade social, definindo como objeto a aquisição material, originou uma nova deusa da atividade humana, em que ter mais significa ser mais livre, numa luta darwinista sem tréguas nem escrúpulos. O pós-modernismo criou ruturas nos códigos de valores, onde os referenciais da honra, da amizade, do conhecimento, da solidariedade, da liberdade se tornam obsoletos. O capitalismo como sistema de produção mercantil centrado na relação entre a propriedade privada de capital e uma mão-de-obra assalariada desprovida de propriedade, ajudado por um industrialismo crescente, inanimado, mecanizado, no processo de produção em massa, leva à manipulação do tempo e da pessoa a seu bel-prazer. Como consequência, a valorização da sociedade «metalizada» incide na obtenção do lucro e do utilitário, condicionando outras possibilidades de existência. O vazio espiritual parece ser a marca da época e o conforto da dimensão interior. O paradigma político e económico tende a tornar-se padrão regulador de toda a atividade humana. É esta a caracterização social que releva do pensamento vergiliano. Sociedade normativa para uns; da racionalidade-tecnológica, para outros; pós-moderna, ou do silêncio, para outros tantos. Vive-se à superfície das coisas no imediatismo que as caracteriza. Um homem robotizado, agindo de forma mecânica. Daí a sua preocupação com o homem e o futuro:

De todo o modo, nós visionamos o homem de amanhã rebatido sobre si até à sua planificação como uma carta de jogar, a um ser horizontal, no imediatismo de ser, num existir à superfície de si. Homem técnico, homem da prática imediata e efetiva, que é que vai significar para ele a dimensão vertical? Que é que pode significar a «cultura»? a relação familiar? a própria arte, embora intrínseca à sua condição? a própria morte e todo o ritual que ainda mantém, mesmo nas grandes metrópoles? Em que medida não é possível imaginar um morto como o lixo que se põe à porta para os funcionários da Câmara recolherem e despejarem? Que pode significar a meditação metafísica sobre a nossa condição? Ser unidimensional lhe chamou alguém, homem de pura superfície, como ser-lhe concebível que o não tivesse sido para nós? A hora que se aproxima não é só uma mudança de hora, mas de relógio, de essência que nos define⁴.

O que se avizinha é, então, uma mudança na essência que define o próprio homem. Todos os valores em que assentava o seu *modus vivendi*, a sua cultura, a sua relação familiar e social deixaram de se constituir como referenciais de ação. Adivinha-se um homem prático, retilíneo, superficial, frio, insensível, utilitário, pragmático. Não se trata de um percalço no caminho, de um desvio na continuidade, mas sim de uma rutura, de um novo caminho, de uma vida nova:

³ *Idem*, p. 316.

⁴ *Pensar*, p. 291.

«Vivemos no tempo do fragmento. Nada é inteiro, consciente, estruturado nos seus elementos. Nada dá de si uma garantia no suporte do que lhe agüente a segurança. Nada tem razão de ser. Um vento de desolação tudo arrancou, ficaram os restos dispersos do seu passar. E temos imensa pressa para irmos onde não sabemos, [...]. Não lemos por inteiro, não pensamos por inteiro, não somos em nada tudo. Assim tudo nos falta o que não houve tempo de sermos e isso que nos falta é que era tudo»⁵. *E acrescenta*. «O precário. O provisório. O aleatório e ocasional. O frágil. Aí vivo, vivemos»⁶.

É o tempo do fragmento, de viver a meio, do transitório e do efémero, que impede as coisas de crescerem em nós. Falta essa abertura e a demora bastante da vivência íntima, para que tudo em nós fale e deixemos ouvir a sua voz. A questão não é mais que deixar revelar esses momentos de milagre e aparição. Salientamos que a vivência está na origem da memória-evocação, funcionando como filtro das experiências que o tempo transfigura com a emoção, dando origem às diversas formas de expressão pela arte. Por isso, *a arte é a transcendência sensível do real*, e o tempo do fragmento é o tempo da morte da memória e da arte, no fundo, da morte do homem. O homem vive à superfície de si, de forma animaléscica, como água que passa por borracha e não molha. É uma vida lisa, desinfetada, assética, plana. Um homem prático, do sim-não, do entendimento claro e imediato, imune à contaminação emocional, em que tudo existe na linearidade das suas formas. Tempo pós-moderno lhe chamou o autor: «Que é isso, por exemplo, do «pós-modernismo»? É a hora dos restos, dos desperdícios, do lixo camarário»⁷.

Vergílio Ferreira interrogava-se amiúde sobre a cultura e o seu valor. Perguntava que diálogo é hoje ainda possível perante o ritmo acelerado de tudo, onde nada permanece nem há demora bastante para a reflexão:

Perguntava-me em tempos o que é a cultura. E respondia o que ainda hoje penso e é que a cultura é a capacidade de diálogo com o tempo que nos coube. Mas que diálogo é hoje possível? Quando acabamos de formular uma questão já o motivo questional é outro. A cultura exigia sempre a demora bastante para a nossa questionação e o nosso entendimento das coisas. A cultura fez-se sempre de uma osmose ou interpenetração de nós e do Mundo e uma conclusão que se conseguisse ia dando para uma vida. Hoje não dá para um dia⁸.

Tempo atemporal lhe chamou Castells, tempo do instante, da utilização momentânea, do serve e deita fora. Tempo do desperdício, onde nada fica para a meditação: «Cultura do esquecer, do sucessivo e casual, do berro que tenta aproximar-se até à rouquidão e o silêncio subsequente, da ausência da memória que tem sido a mãe das artes e afinal da própria cultura»⁹. O homem vive na vertigem do tempo, não tendo bases de sustentação onde se possa segurar e permanecer, porque tudo é efémero e transitório rapidamente. A vivência degradou-se num estar sendo, punctual, sem questionação. Outrora situava-se na zona primordial de acesso

⁵ *Idem*, p. 123.

⁶ *Conta Corrente* IV n/s, p. 221.

⁷ *Idem*, p. 120.

⁸ *Conta Corrente* 4, p. 196.

⁹ *Conta Corrente* II n/s, p. 197.

ao conhecimento e à arte, da qual resultava toda a significação sensível e emotiva da osmose do ser no mundo. Sendo a cultura o que perdura no tempo, o que permanece daquilo que se viveu, podemos inferir que pouco da vida atual se constitui como alicerce basilar da vivência em sociedade. A cultura como referencial da vida e da ética humana foi relegada para um plano subalterno. Assistimos assim à imersão do indivíduo na máquina devoradora do tempo, como entidade normalizada e absorvida pela forma de vida atual, onde não há tempo para pensar, nem a demora bastante para concluir.

Não indiferente às transformações do mundo e às convulsões que alteram as formas de organização social, nas quais assentava a vida do homem, interroga-se sobre os valores do futuro e que homem permanecerá dos destroços:

Que significa cultura, arte, critérios de arte, vida, orientação nela, política e o mais e o mais? Estamos todos feitos estátuas de sal, envolvidos de confusão, apartados para onde não passa o que passa do real. É-se desonesto naturalmente, vigarista, desvairado por dinheiro rápido em jogo ou ludíbrio, nada significa nada, fora do vazio em que se coma, beba, fornicar, ser honesto é ser parvo ou «dá nas vistas» como me dizia alguém, não há ordenação visível do Mundo, vale tudo, e em face do desvario geral, da desordem geral no que foi ordem e sentido de orientação, quem pense ainda numa impossível significação para a relação entre humanos, sente-se encavacado¹⁰.

Assiste-se à alteração dos códigos de identificação interpessoal num jogo sem regras, onde vale tudo, sinal da desordem e da desorientação geral do mundo e do homem. Somos testemunhas da alteração radical dos valores e da conduta humana, onde a desonestidade prolifera. A corrupção generalizada, as negociações entre o poder político e o poder do capital, a manipulação ideológica das fontes de informação, a falsidade e a desonestidade de quem nos governa contribuem decisivamente para a imagem da qualidade do nosso modo de vida, da nossa democracia e dos valores que enformam a nossa sociedade. Neste contexto, pensa o autor que a causa mais funda do desvario geral não radica apenas na vertente económica, mas numa crise mais lata, aquela que fundamenta o humanismo:

Para mim e para muita gente – o «conflito» moderno está longe de se reduzir a uma dimensão «económica». [...] Mas o que a um exame sereno se me oferece é que a crise do homem de hoje é uma crise de valores, ou, se se quiser, uma crise de «mitos», de ideias-força indiscutíveis que tudo o mais da vida ordenem. Falo de uma ordenação pelo mais alto – porque, pelo mais baixo, um simples clube de futebol bastará...¹¹.

A crise do homem não se fundamenta, então, unicamente na dimensão económica, mas numa crise de valores, de ideias-força, de valores impositivos, transcendentes, mitos, em nome dos quais o homem busque a sua ordenação. E que essa ordenação se faça pelo mais alto, pelo que o define e estrutura nos seus fundamentos, que é a cultura, a memória, a questionação permanente. Crise de vontade

¹⁰ *Conta Corrente* IV n/s, p. 17.

¹¹ *Espaço do Invisível* 4, p. 90.

chamar-lhe-ia eu, sobre a qual Nietzsche disse estar na origem do *niilismo* e concluiu que *vale mais um nada de vontade do que uma vontade de nada*. A cultura é o limite radical da elevação do homem e a fronteira da libertação animal. Diz-nos: «Forma alta de se ser homem no seu destino de ascensão, a cultura é a forma de se ser consciente, ou seja, de se ser»¹². A cultura é, então, a forma natural de se ser homem. Um homem consciente daquilo que o rodeia, da sua memória, do seu destino e da sua liberdade.

Tudo o que é do homem, da vida e do mundo lhe diz e fala. Medita sobre as preocupações mais prementes que afetam o mundo contemporâneo. O aumento desmesurado das populações nalgumas partes do globo, o envelhecimento na Europa, o esgotamento dos recursos naturais a nível mundial, a morte dos deuses e das ideologias, a desordem cultural e artística, a substituição da atividade mental pelo domínio dos audiovisuais, o amoralismo generalizado, a ampliação do universo e a respetiva redução planetária provocada pelas tecnologias da informação, a revolução biológica e a manipulação genética, as desigualdades sociais, o espetro das grandes pandemias, os problemas ambientais, os avanços científicos, a emergência do *homo technicus* ante o *homo humanus* e a sensação de impotência em contrariar o curso da história. Interroga-se: «Para onde vamos? – Outra vez? Outra vez. Daqui a cinquenta anos o mundo humano será inteligível se ainda o houver? Superpopulação, supertecnologia, mutação biológica, morte das ideologias, desvalorização do homem e o assassinato gratuito, ameaças do nuclear e o mais e o mais»¹³. A questionação sobre o futuro do homem, conseqüentemente, do mundo, persiste de forma obsessiva:

Para onde vai a Humanidade? De vez em quando pergunto-me, mas deve ser moléstia rara. Porque toda a gente vive numa desatenção delirante. E no entanto o que aí vem muito em breve é a recriação do mundo. Nós não fazemos ideia de como o que foi o nosso enlevo e admiração e conservantismo em livros e actos e valores e costumes será em breve uma farrapada incrível que há-de fazer rebentar as lixeiras municipais¹⁴.

Incomoda-o o facto de as pessoas não se interrogarem sobre o futuro da humanidade e a desatenção que demonstram sobre a transformação a que assistimos. A revolução é de tal monta que tudo aquilo em que assentava a nossa forma de viver será atirado ao lixo. Por isso, conclui que não se trata de uma crise passageira, de uma mudança adaptativa, mas de uma rutura:

Acabou o banquete das vestes a rigor, agora é o caos, a louça partida, a bebedeira geral. A arte nas suas várias formas de ser e a própria filosofia no seu modo grave de filosofar, atirou com as normas ao ar, desapertou o cinto, rebola-se pelos sofás e tapetes. [...] Esse estado de desgraça, depois do opórbrio de o anunciarem, já tem um estatuto e uma classificação arrumada como nos artigos à venda num supermercado. Chama-se «Pós-modernismo»¹⁵.

¹² *Idem*, p. 10.

¹³ *Ibidem*, p. 104.

¹⁴ *Conta Corrente* 1 n/s, pp. 207 e 208.

¹⁵ *Escrever*, pp. 109 e 110.

Há um divórcio entre a vida, a arte, a filosofia e a criatividade. Tudo se assemelha a um enorme supermercado, onde tudo se encontra arrumado nas prateleiras do comprar e do vender. É o mundo do pragmatismo funcional, programado, prático, retilíneo, que substitui o homem do sonho, da fantasia e da criação. Este tipo de homem, no seu entendimento, tem rosto e nacionalidade, chama-se América:

O mundo concreto e pragmático da América, por exemplo, que nos abrem ao nosso desnorreamento, é uma proposta de pedras impenetráveis à nossa movimentação mental. A América é a Roma da Grécia, dizia salvo erro Pessoa. Mas a própria Roma deu uma arte compreensível ainda para a nossa sensibilidade. E a América dá *hamburguers* e pastilhas elásticas. Vamos passar a vida a mascar? De todo o modo, o nosso modo de ser em espírito entrou no desemprego¹⁶.

A cultura pragmática da América é, na sua opinião, um estorvo ao desenvolvimento mental, colocando o espírito no desemprego. «Nós sabemos que estão em saldo os 2.500 anos da nossa cultura. Mas como imaginar que a verdade que se segue é a do dólar e do comércio, da substituição de toda a interioridade pela prática de um corretor da Bolsa?»¹⁷. O pragmatismo americano, virado para a utilidade, o concreto e o lucro é um obstáculo à atividade mental. Se a América é a Roma da Grécia, em que Roma conquistou a Grécia pelas armas e esta conquistou Roma pela cultura, o mesmo não acontece com a Europa em relação à América. A febre da utilidade colocou o espírito no desemprego. Diz-nos de forma sentida: «Sinto a inutilidade de toda a actividade intelectual, nomeadamente a de escrever romances¹⁸. Noutro momento reforça a sua opinião: «De que me serve o que aprendi e me ajudou a ser quem sou, se isso já é moeda sem circulação?»¹⁹. Todo o seu saber pertence a um passado fútil, sem valor atual. Restam as cinzas do que foi vivo e alimentou o homem e a vida. A perplexidade mantém-se:

«Que é que pode ser o homem de amanhã em face do nada que é o do homem de hoje? [...] Arte, razão, convívência, segurança e o mais, que é que pode pensar-se para o homem que o defina como a espécie que é? Que é que significará para ele um pássaro uma flor a luz o amor? Nós sorrimo-nos com piedade dos costumes e valores dos nossos antepassados. Mas saberá o homem sorrir? Haverá nele, no absoluto do seu vazio, um intervalo para o sorriso? Mas não penses. Goza do teu benefício de seres sensível a um canto da ave, à lembrança doce de uma face amada, à diferenciação da noite e do dia. E agradece ao destino o poder haver morte²⁰.

Lembre-mo-nos de que o sorriso aparece em Vergílio Ferreira como fundamento da arte e da consciência do mundo que o rodeia. O homem sorri ao que o emociona e afeta, ao que lhe causa espanto e admiração. Deste modo, o sorriso está na origem do conhecimento e da ação do homem no mundo, como filtro e transcendência de todas as vivências que o cercam. A sua relação no mundo é instaurada pelo sorriso, em abertura e disponibilidade. Sorrir implica uma presença afetiva,

¹⁶ *Conta Corrente* IV n/s, p. 228.

¹⁷ *Idem*, p. 218.

¹⁸ *Conta Corrente* III n/s, p. 148.

¹⁹ *Conta Corrente* II n/s, p. 301.

²⁰ *Escrever*, pp. 136 e 137.

emocionada ao que se lhe é dado a conhecer e se disponibiliza a ouvir a interrogação profunda da existência. Logo, raiz primeira do conhecer, do pensar, do saber. Sorrir significa negar o mundo tecnicizado da pergunta/resposta, do sim/não, da causa/efeito, para se recolher na beleza do encantamento, da memória e da sua transfiguração. Sorrir nega o homem assético na sua linearidade pura e sublima o homem na sua essencialidade cultural. Deste modo, a Europa como sede de cultura e de saber, deixou-se contaminar pelo ter, absorvida pelo paradigma tecnológico e industrial. Diz-nos:

Ó Europa da nossa condição. Há mais grandeza na tua decrepitude do que na bruteza de um músculo e na formosura de uma pia. Na tua massa craniana ainda é possível distinguir-se o que fala ao homem do que fala ao atrasado mental. E contigo eu aprendi a distinguir²¹.

Relembremos que a cultura é a fronteira que distingue o homem do animal, da massa amorfa do viver comum à leveza de uma mente. Por isso não aceita que a vida se reduza à satisfação de um estômago: «O que é de existir hoje em cultura é intervalar, quase envergonhado, de qualquer modo com um significado de uma prega invisível do nosso viver comum»²². A este respeito, Philippe Quéan adverte-nos de que:

Não se deve confundir «cultura do universal» e «cultura universal». Uma cultura universal não passaria de uma cultura mundializada, normalizada, empobrecedora, alienante. Uma cultura do universal é, pelo contrário, uma cultura em busca do universal, como categoria do pensamento e da acção. Uma cultura do universal é, em primeiro lugar, uma Ética, uma Ética do universal²³. *Penso que Vergílio Ferreira partilharia da mesma opinião.*

Este viver comum do paradigma atual indicia que, *o cuidado de si mesmo*²⁴, no sentido em que Michel Foucault o estudou, como objeto fundamental de uma preocupação permanente, atenta, vigilante ao que se pensa e passa no pensamento, como atenção e ocupação voltadas para si, sentida como prazer em si mesmo, de elevação em espiritualidade, se descure e dilua num viver comum normalizado. Apela a uma certa neutralidade subjetiva e a uma certa inutilidade das coisas do espírito. Esta sensação de deserto cultural cresce na alma do autor e sente que tudo mexe em função do valor comercial:

O mundo inteiro sofre de paralisia e os que ainda mexem têm a doença atrasada. [...] Regressar à filosofia, para quê? A grande fase da literatura é apenas o comércio. Traduções. Encontros para venda de traduções. Mas não se imagina o que escrever hoje para ser traduzido amanhã. Escrever sobre quê? Tenho a alma mais seca do que um carvão. Tenho nela mais vazio do que. A sensação tremenda que se tem é a de

²¹ *Conta Corrente* IV n/s, p. 221.

²² *Idem*, p. 228.

²³ QUÉAU, Philippe (2001) in Edgar MORIN (coord.) et al. *O Desafio do Século XXI – Religar os Conhecimentos* (p. 413). Lisboa: Inst. Piaget.

²⁴ FOUCAULT, Michel (2004) *A Hermenêutica do Sujeito* (pp. 10 e seg.). S. Paulo: Liv. Martins Fontes Ed. Lda.

que *tudo de súbito envelheceu*. Mesmo o que amanhã poderá renascer, de momento sentimo-lo ridiculamente inútil²⁵.

Vive uma sensação de vazio e de inutilidade da expressão criativa. O paradigma funcional substituiu a perspetiva socrática do *conhece-te a ti mesmo*. Quando a alma seca, a velhice instala-se e o homem está mais perto da morte. Parece claro que a vida mudou o sentido de orientação da agulheta na procura material, que a tudo envolve. Daí a sua perspetiva sombria em relação ao futuro: «Que é que nos espera? Sabemos que o silêncio é a expressão mais profunda da hora em que vivemos. Esperemos que nos espere uma nova palavra do homem, imprevisível e inimaginável, mas que por ser sua o instaure de novo no reino que é seu»²⁶. Esperemos, então, por essa palavra nova do homem e que seja a palavra certa, que reescreva o seu reinado. Resta-nos a breve esperança de que o homem se erga à sua face e acerte os ponteiros do relógio, não como prenúncio de morte, mas da sua emancipação.

Vergílio Ferreira apesar de sentir que é da raça dos inúteis, que a sua atividade é moeda sem circulação, não deixa de nos lembrar a sua condição humana:

Sou da raça dos inúteis, dos que inventam a vida por sobre a vida, dos que constroem o real para além de todo o real e esse real é que é, dos que sabem o que perdura para lá do que é mudável e passa, dos que traem a verdade, porque há outra verdade ainda e mais nenhuma depois dela, dos que fecham os olhos para ver, dos que conhecem a memória e a transfiguração e a sua pátria é essa, dos que um pouco esquecem o que acontece, para habitar o que disso sobra e fica, dos marginais, dos amorais – qual é a tua moralidade? dos que. E dos que sabem o desconhecimento de todo o conhecido [...]»²⁷.

É a sua verdade profunda, a expressão mais íntima e original como meio de acesso à claridade e forma de negação da morte. Dos que inventam a vida para além da vida, dos que criam outro real, dos que traem a verdade para haver verdade ainda, dos que conhecem a memória e a evocação, a transfiguração e a criação, dos marginais, dos amorais e dos que sabem que para além de todo o conhecido há o desconhecido e outro ainda, numa busca infinda, sem tréguas. Por isso, para se ser homem e sentir-se vivo, cada ser humano terá de se reinventar a cada momento, diz-nos Annah Arendt que: «Cada nova geração, cada novo ser humano, na medida em que toma consciência de estar inserido entre um passado infinito e um futuro infinito, tem de descobrir e persistentemente preparar de novo a estrada do pensamento»²⁸. Um homem ordenador do mundo que o cerca. O grande tema vergiliano é, então, o combate pela lucidez, na busca inacabada de humanismo, na vertente mais pura e digna da sua condição, que se institui como eixo central da sua reflexão e em torno do qual se desenvolvem todas as outras temáticas: «O grande tema de toda a minha obra é o humanismo, ou seja, a possibilidade de fundar em dignidade e plenitude a vida do homem»²⁹.

²⁵ *Conta Corrente* II n/s, p. 90.

²⁶ *Idem*, p. 481.

²⁷ *Signo Sinal*, p. 95.

²⁸ ARENDT, Annah (1999) *A vida do Espírito – Pensar*, vol. 1 (p. 232). Lisboa: Inst. Piaget.

²⁹ *Um Escritor Apresenta-se*, p. 207.

Neste contexto, interroga-se sobre o valor da vida, o mais alto de todos os valores, ou se, pelo contrário, aceita a sua condição de ainda vivo mas já morto, sem projetos que lhe inquietem o futuro, nem lhe sobressaltem o espírito. A explicação é dada de forma poética a que só uma certa qualidade de homens acede e pode evocar:

Quando estiveres cansado de olhar uma flor, uma criança, uma pedra, quando estiveres cansado ou distraído de ouvir um pássaro a explicar o ser, quando te não intrigar o existirem coisas e numa noite de céu limpo nenhuma estrela te dirigir a palavra, quando estiveres farto de saberes que existes e não souberes que existes, quando não reparares que nunca reparaste no azul do mar, quando estiveres farto de querer saber o que nunca saberás, se nunca o amanhecer amanheceu em ti ou já não, se nunca amaste a luz e só o que ela ilumina, se nunca nasceste por ti e não apenas pelos que te fizeram nascer, se nunca soubeste que existias mas apenas o que exististe com esse existir, quando, se -, porque temes então a morte, se já estás morto?³⁰.

A indiferença ou o cansaço perante a vida instauram uma nova dimensão do homem: vivo e já morto. Neste sentido, a vida rotineira representa o estado vegetativo do homem sem inquietação. Esta como verdadeiro fundamento da qualidade humana, maravilha inesgotável que permite aceder ao mistério e à alegria que o invadem. Por isso, o autor sugere que nos abramos à vida e à beleza que a canta, porque a abertura permite contactar com tudo o que nos rodeia e fala. Viver é estar disponível e atento aos rumores do mundo. É abraçar a luz que ilumina o coração dos homens e os enleva em grandeza. Diz-nos:

Faze um esforço, faze um esforço. É difícil, eu sei. Mas de toda a maneira, faze um esforço. [...] Abre-te à claridade do sol, mergulha na frescura do mar. Eles existem, o sol e a água, e tudo é neles a iluminação e a fertilidade. A noite não existe senão quando adormeceres. Estás vivo, é dia, o sol e o mar são verdade. Todas as filosofias do terror e da frustração e da indiferença e do desânimo que rasteja e da humilhação e da amargura – lava-as na água do mar. Sê a prumo num raio do sol a prumo. E a morte que venha quando quiser. Tu estás puro e cheio de luz e é a tua grandeza iluminada e a tua alegria que ela terá de carregar. [...] Faze um esforço. É sê digno da tua grandeza de homem [...]!³¹.

A abertura ao mundo e à vida constituem-se como premissa intransigente da condição humana e como reconhecimento da sua grandeza. É-se homem na medida em que se abre ao milagre da vida.

No campo educativo, Vergílio Ferreira defende uma educação que apele ao desenvolvimento do espírito humano, ao ser da cultura e do conhecimento, e não apenas à preparação dos estudantes para o desempenho de uma determinada função social. Por isso, acha que o exercício de ser professor exige qualidades intrínsecas sublimes. Essas que ele não reconhece em si próprio, apesar de ter lecionado mais de quarenta anos. Oíçamos: «Para se orientar a juventude, necessários são muitos dons que decerto não possuo. [...] A juventude é um material por mais delicado e precioso para que se trabalhe com mãos pouco hábeis»³². As qualidades do

³⁰ *Pensar*, p. 264.

³¹ *Pensar*, pp. 297 e 298.

³² *Um Escritor Apresenta-se*, p. 59.

educador são de primordial importância na educação dos jovens. Dele dependerá que as possibilidades se possibilitem ou se frustrem. A chama que o educador atear no educando facultará essa possibilitação ou não. Deste modo, condena todas a forma de condicionamento, produto de desígnios institucionais. Não aceita a negação da autonomia, do pensamento crítico, da liberdade intelectual. Pretende que a pessoa não se dilua nos ditames dos doutrinadores, mas que afirme a sua consciência em liberdade e verdade. Por isso, a educação deve promover o raciocínio crítico, aberto, livre, criativo, de modo a instaurar na vida uma presença em verdade. Como nos lembra Edgar Morin:

O poder imperativo e proibitivo dos paradigmas, crenças oficiais, doutrinas reinantes, verdades estabelecidas, determina os estereótipos cognitivos, ideias recebidas sem exame, crenças estúpidas não discutidas, absurdos triunfantes, rejeições de evidências em nome da evidência e faz reinar, sob os céus, os conformismos cognitivos e intelectuais³³.

Vergílio Ferreira luta precisamente contra este modelo de homem conformista, estereotipado. A vida só tem sentido, no seu entender, se for vivida de forma autêntica, livre e original, contribuindo, deste modo, para a ramificação da grande árvore humana. Nega a vida de rebanho, previsível, manipulável. Defende um ser consciente de si, dos outros e daquilo que o rodeia, instaurando-se como centro do universo. Descobrir e criar são as traves mestras da sua conceção educativa. Lembra-nos: «Uma observação atenta regista; uma observação inteligente deslinda; uma observação criadora inventa. É esta que particularmente me interessa»³⁴. A memória guarda, a inteligência explica e o artista inventa, dando vida à vida e novos mundos ao mundo. Sobre esta temática Howard Gardner estudou as diversas formas de inteligência, a que chamou *Inteligências Múltiplas*, e diz-nos:

Desde o meu ponto de vista o objectivo da escola deveria ser o de desenvolver as inteligências e ajudar as pessoas a alcançar os fins vocacionais e gestos que se adequem ao seu particular espectro de inteligências. As pessoas que recebem apoio neste sentido, sentem-se segundo a minha opinião, mais implicadas e competentes, e, por isso, mais propícias a servir a sociedade de forma construtiva³⁵.

É uma questão cara a Vergílio Ferreira porque se institui como cerne da liberdade individual e, acima de tudo, da essência da vida humana. Todos os obstáculos que possam impedir a livre realização, devido às várias circunstâncias contextuais do meio, da família, da educação, da política, impedem não só que o homem não esgote o possível que é dele, mas também que a vida se não se cumpra em plenitude. É uma traição ao homem e à vida.

Como testemunho da grandeza de Vergílio Ferreira como homem e educador, cito a carta endereçada pelos seus alunos no seu último dia de aulas em Évora, no ano de 1952, sendo colocado posteriormente em Lisboa.

³³ MORIN, Edgar (2002) *Os Sete Saberes Para a Educação do Futuro* (p. 32). Lisboa: Inst. Piaget.

³⁴ *Conta Corrente* 4, p. 181.

³⁵ GARDNER, Howard (2001) *Inteligencias Múltiples-La Teoría en la Práctica* (p. 27). Barcelona: Paidós.

Mestre!

Amigo!

Sala II. Tarde Quente. Junho. 1952

Esperávamos a sua última aula e com inquietação

Perguntávamos: «E se ele não vem?»

Veio

E desta vez nem pedimos

«Senhor Doutor, fale!»

- «Meus amigos, cada um vai seguir o seu caminho; a partir de hoje vamos encontrar-nos de longe em longe, por acaso, numa paragem de autocarro, num café...».

Querido Mestre, não é de longe em longe, nem por acaso que nos encontramos. É regularmente, inevitavelmente, sempre que cada um de nós se encontra com os outros ou consigo próprio. Muito para além da matéria dos programas, levou-nos – no confronto com a sua personalidade e a certeza do caminho que lhe adivinhávamos – à descoberta do nosso eu e do nosso caminho, em suma, à consciencialização da nossa condição humana.

Amigo, mestre, «Santo-e-Senha» dos nossos encontros, é bom poder dizer-lhe que a sua marca aumentou em nós com o tempo, que nos orgulhamos do Grande Homem que tivemos o privilégio de encontrar na vida³⁶.

A busca no confronto das verdades, na procura do eu de cada um, na descoberta do caminho que cada um há de construir, fundamentam as suas qualidades de homem e professor. Deste modo, podemos inferir que não aceite, de forma intransigente, o ressurgimento de políticas educativas que condicionem e aprisio-nem a pessoa em esquemas de atuação deterministas, funcionais, como parece desenhar-se na Europa, fruto da onda neoliberal e neoconservadora que grassa no continente. A educação atual vive a vertigem dos resultados, da quantificação, da medição, do previsível, do expectável, do sistemático, da eficácia, da eficiência. O estudante é dissecado em todas as suas vertentes, analisado em todos os parâmetros, medido e quantificado em todas as suas ações, fazendo lembrar qualquer linha fabril da Índia ou da China, escamoteando a natureza humana. Nega o homem criativo, do talento, do dom, da vocação, do impulso, das inteligências múltiplas, da arte, das potências adormecidas. Destrói o homem lúdico, da embriaguez, do devaneio, do acaso, da desordem e do imprevisível. Desconhece o homem intempestivo da livre criação aberta ao devir universal, ao homo imaginarium.

Relembro José Gil no seu, *Portugal Hoje – Medo de Existir*³⁷, pensador universal, onde critica o fichismo, o registo, o judicialismo, a prova concreta, formal, do número, da vida da pessoa, como quem conta as rosas de um vaso ou as peças à hora de uma qualquer engrenagem mecânica. A condimentar o novo paradigma, a súmula é feita numa avaliação dos resultados, tanto nas escolas como nas empresas, como forma de controlo de toda a atividade humana. Diz-nos:

A avaliação generalizou-se como meio de alcançar esses níveis, quer dizer, de desenvolver competências e induzir o desejo de formação profissional. Como é que

³⁶ *Conta Corrente* 5, pp. 464 e 465.

³⁷ GIL, José (2007) *Portugal Hoje – Medo de Existir*. Lisboa: Relógio D'água.

se chegou a esta aberração? Sob a política de avaliação há a ideia de que a emulação, a competição, a concorrência constituem a essência das motivações humanas, ou seja, que a imagem de si (com as suas componentes necessárias ao embate das vontades no mercado do trabalho: «agressividade», «espírito de vencedor», confiança em si, «auto-estima», etc. – Toda uma panóplia de qualidades compondo o padrão de subjectividade ideal do novo mundo capitalista) representa o factor decisivo desencadeador do desejo de desenvolver e ultrapassar os outros³⁸.

Uma educação, portanto, baseada na competição, na lei do mais forte e do mais adaptado. Neste conflito paradigmático esclarece-nos Vergílio Ferreira que: «Há duas vozes no homem e aí se equilibra a História. [...] Uma delas diz: ama o teu semelhante porque ele é teu irmão. E a outra diz: esmaga o teu semelhante porque ele é teu rival. Esta voz é a mais forte porque a parte de animal no homem é mais poderosa»³⁹. A luta do homem é pelo domínio do seu semelhante e não pelo amor como membro da mesma condição. *Vontade de poder* chamar-lhe-ia Nietzsche. Neste contexto, onde se situa o princípio da *escola para todos*, da escola democrática, do direito à igualdade de oportunidades, do acesso e ao sucesso educativo de todos os educandos? Como responde a escola aos condicionalismos materiais, sociais, culturais, orgânicos ou outros, que se constituam como barreiras ao seu progresso e aperfeiçoamento? Que finalidade educacional perspetiva: uma escola reprodutora, seletiva, ou uma escola desenvolvimentista, potenciadora das capacidades humanas e das suas singularidades? Uma escola do grande grupo, da norma, dos mais capazes ou uma escola diferenciadora dos talentos individuais? Relembro as palavras de Montaigne ao dizer-nos *que vale mais uma cabeça bem feita do que uma cabeça bem cheia*. O paradigma que se pretende instalar visa anular o desperdício, o resíduo, o erro, o arbítrio da ação educativa, tornando a escola objetiva, rigorosa e eficiente. *Política do detalhe*⁴⁰, segundo Foucault, no estudo que realizou sobre as instituições totais, de modo a rentabilizar e a maximizar a sua função. Vive-se a política da excelência, do desafio, do sempre mais, sempre melhor. Vencer tornou-se o fim supremo. A avaliação é um dos instrumentos de controlo de todo o processo ensino-aprendizagem.

Jacques Ardoino critica esta visão funcionalista da escola e incita-nos à sua transformação:

Por um lado, o aparelho escolar homogeneiza e programa, tanto quanto possível, os trajectos dos alunos ou dos estudantes, quer por razões de princípio (universalidade, igualdade), quer por razões económicas (custos). Os formados, objectos de formação, são assim modelizados em outras tantas trajectórias, mas os formadores devem evitar reduzir-se a esta imagem. Também irão precisar de permanecer disponíveis a outros tantos encaminhamentos a partir dos quais e graças aos quais cada um dos discentes inventa o seu itinerário, ao ritmo próprio, de acordo com a sua «fantasia», [...]⁴¹.

³⁸ GIL, José (2007) *op. cit.*, p. 71.

³⁹ *Escrever*, p. 129.

⁴⁰ Cf. FOUCAULT, M. (1996) *Vigiar e Punir – História da Violência nas prisões*. Petrópolis, Brasil: ed. Vozes.

⁴¹ ARDOINO, Jacques (2001) in MORIN, Edgar (coord.) *et al. O Desafio do Século XXI – Religar os Conhecimentos* (p. 488). Lisboa: Inst. Piaget.

Pretende-se não tanto modelar, mas abrir caminhos para que os estudantes possam construir o seu próprio itinerário, de acordo com a sua singularidade.

Também Marc Fumaroli rejeita esta visão de escola, apelando à liberdade e à diversidade de opção por parte dos educandos:

Porém, persuadamo-nos também de que a escola deve, em primeiro lugar, tomar distância em relação ao mundo das urgências imediatas e criar homens e mulheres interiormente preparados para se conhecerem e se desenvolverem em todas as circunstâncias, privadas e profissionais. A sua função insubstituível é educar para a palavra e a expressão justas, que são *aquisições para sempre*, preciosas em todas as profissões e em todos os acasos da existência. Restabelecamos a liberdade e a diversidade de opção nas formações literárias⁴².

Diz-nos que a vida humana não se resolve simplesmente no ter, no mundo das urgências imediatas, da satisfação fisiológica, mas releva de uma outra grandeza, que é o saber, sobre o qual se institui a liberdade humana. Gil Delannoi citando Hamlet de Shakespeare, interroga-se: «O que é um homem, / Se o seu bem supremo e todo o seu lazer / Não passam de comer e dormir? Um animal, nada mais»⁴³. Trabalhar só para a função e o utilitário dá conforto mas não resolve a essência do homem e a sua inquietação. Philippe Quéau pensa mesmo que as máquinas possam constituir-se como a escravatura moderna: «A Humanidade, liberta pela enorme produtividade das máquinas, pode empenhar-se noutros desafios. O desafio do ser deve suceder ao desafio do ter»⁴⁴. O enunciado é música para o ouvido de Vergílio Ferreira, quando nos diz que a máquina deve estar ao serviço do homem e não o inverso. O homem liberto da urgência produtiva teria tempo para o pensamento e a arte, dando um salto para a frente em humanidade.

No entanto, os indícios não parecem animadores, a competição selvática neoliberal, a economia virtual criando um capitalismo universal sem rosto, a desregulação social, a perda de direitos humanos, a descontinuidade histórica advinda das tecnologias da informação, a imersão dos valores, o individualismo exacerbado, são preocupações que nós partilhamos, em conjunto com o autor em estudo. A Europa, e de forma particular Portugal, assiste a um retrocesso civilizacional na liberalização dos direitos do trabalho, na proteção social, no acesso aos bens da cultura e da saúde, com o fecho de muitas instituições escolares e de saúde, reduzindo a intervenção do estado a um serviço mínimo, na fragilização dos sindicatos, na alteração dos horários de trabalho, em nome da competitividade, da produtividade e da iniciativa privada. Tudo isto condimentado com a apropriação das empresas públicas nacionais por parte de países autocráticos, como a China ou Angola, onde os valores humanos são escamoteados e a dignidade humana tem um longo caminho a percorrer. É em nome destes mercados e desta perspetiva produtiva que os governos visam educar os jovens. Pretendem uma escola semelhante ao funcionamento de uma empresa, que produza com a máxima eficiência e

⁴² FUMAROLI, Marc 2001 in MORIN, Edgar (coord.) *et al. O Desafio do Século XXI – Religar os Conhecimentos* (p. 244). Lisboa: Inst. Piaget.

⁴³ DELANNOI, Gil (2001) in MORIN, Edgar (coord.) *et al. O Desafio do Século XXI – Religar os Conhecimentos* (p. 267). Lisboa: Inst. Piaget.

⁴⁴ QUÉAU, Philippe (2001) in MORIN, Edgar (coord.) *et al. O Desafio do Século XXI – Religar os Conhecimentos* (p. 408). Lisboa: Inst. Piaget.

com o mínimo de desperdício possível. Daí o rigor na avaliação, na eficácia, na medição, na quantificação, na análise e controlo do detalhe. Sobre este aspeto, Gilles Lipovetsky vai mais longe ao afirmar que a empresa pretende moldar toda a ocupação e formação do trabalhador, de forma apaixonada e ativa. Para além das horas de trabalho, organiza ações de formação pessoal e profissional, ocupação de tempos livres, atividades de lazer e recreio. É uma ocupação do tempo total, de modo a que exista uma aderência incondicional, uma vontade intrínseca automática: «A empresa já não se contenta em controlar o tempo de trabalho dos homens, procura o seu investimento emocional, a sua adesão»⁴⁵. A finalidade consiste em otimizar a sua rendibilidade e os seus potenciais. E a escola não estará a seguir os mesmos passos? Quando a escola organiza ações de formação, atividades depois do tempo letivo e aos fins-de-semana, os horários dos professores com apoios e projetos desenvolvidos nos seus tempos livres; quando os alunos saem de casa pela manhã para a escola e regressam à noite, com atividades curriculares e extracurriculares, numa ocupação permanente e total do seu tempo, não estará a escola a aderir a este modelamento social semelhante ao da empresa?

Resta-nos a esperança de que o humano do homem fale mais alto e devolva à escola a dignidade que merece, não como um local de fabrico de homens em série, mas no desenvolvimento da ética humana, iluminada pela cultura, já que ela é *um outro sol para os iluminados*, no dizer de Heraclito. Uma escola humanista, que reclame os valores universais da dignidade humana, da solidariedade, da argumentação habermasiana e da maiêutica socrática; e não uma escola meramente funcionalista, do saber especializado, assim o deseja também Edgar Morin: «Civilizar e solidarizar a terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objectivo fundamental e global de toda a educação, aspirando não só a um progresso mas igualmente à sobrevivência da humanidade»⁴⁶. É urgente aprender uma ética da compreensão planetária.

Também Vergílio Ferreira partilha dos fundamentos humanistas e adere ao princípio de que um homem não cabe num sistema: «Kierkegaard é um pensador profundamente original, quando em face do sistema hegeliano faz a pequena observação de que um “eu” não cabe na dimensão de um sistema»⁴⁷. Sejam quais forem os determinismos e os condicionalismos, um homem não cabe numa delimitação. Por isso, indica-nos o caminho: «[...] deveis saber que a verdade é só uma, é aquela com que um homem é homem que é a liberdade concreta, a que se levanta contra a escravatura moderna que se disfarça numa liberdade sonora oca vazia...»⁴⁸. O conflito paradigmático é evidente. Apela ao mais nobre do homem, àquilo que o estrutura na sua génese e fala à sua dignidade, que é a cultura. A liberdade concreta reenvia-nos para a liberdade abstrata, da consciência, do saber, da atitude crítica, para o homem não se deixar massificar e escravizar. Projeta um homem que se confronte com a problemática do seu tempo.

⁴⁵ LIPOVETSKY, Gilles (2004) *O Crepúsculo do dever – A Ética indolor dos novos tempos democráticos* (p. 313). D. Quixote.

⁴⁶ MORIN, Edgar (2002) *op. cit.*, p. 83.

⁴⁷ *Do Mundo original*, p. 231.

⁴⁸ *Para Sempre*, p. 234.